

E 13
P. 3
Nº-60

*Ao Collaborador
Lambeck - Jeros.
L. S. Thomaz*

N. 3

S. Paulo, 30 de Agosto de 1903

A Esperança

Distribuição Mensal

Redactores: Diversos



Educação Cívica

Ha dias, conversando com um nosso amigo e collaborador, professor num Grupo, na Capital, soubemos que o Director fizera uma bella prelecção de educação cívica aos alumnos, á respeito da Bandeira Brasileira. E então veio-nos a lembrança de escrevermos o nosso artigo de fundo sobre um ponto de educação cívica, que é na mór parte dos brasileiros escassa ou nulla.

Amor patrio! Ninguém o conhece, todos ignoram o que seja esse amor. E si algum ardente jovem, ousa dizer que o possui e o explica, recebe logo os grottescos motejos dos outros. E, no entretanto esse amor é sublime, é elevado. Depois de Deus, está esse amor á terra que nos viu nascer, á terra que nos agasalha e cujo céo azul nos alegra!

E, si o pequeno animal si o vegetal, possuem esse amor, porque os seres elevados como é o homem, não o podem ter?

Não visteis já um vegetal que tirado fora da sua terra morre? Pois o que é que lhe falta? E' a patria.

Dizer que o amor pela patria e ir bater o estrangeiro que nos ameaça, e expulsá-lo do nosso torrão, é indecoroso, é até ridiculo para quem o diz.

Si vedes passar pela vossa frente um batalhão e no meio delle, um rectangulo verde com losango amarello, esphera, etc. carregado por um official, não vos incomodais, ficais na mesma postura. E no entretanto, aquelle panno que alli vai, representa do Amazonas ao Prata, a vasta região, cujo nome significa para os que lá fóra estão—terra de selvagens, mas que não entretanto deu ao mundo, não uns homens nós, com

tangas, pennas, mas talentos como Dumont, Rio Branco, Osorio e Caxias que elevava o nome da Patria.

São esses os verdadeiros patriotas, são esses que procuram elevar a patria bem alto!

E si vedes alguém se descobrir ante a uma bandeira que passa, rir-vos-hei desse que no mais angusto cumprimento do dever, despreza o motejo.

E' preciso e muito a larga propaganda da sciencia do dever para com a patria.

Não são assim os estrangeiros. Quando ouvem os primeiros accordes do hymno da sua patria longinqua, elles se erguem e de suas cabeças sahem os chapéus.

E nesta terra é preciso que os moleques, os filhos dos estrangeiros (vendedores de jornaes!) comecem a gritar por traça, afirm de que se descobram... E, quantas não se dão a esse trabalho!

Não, o povo brasileiro precisa mostrar aos nossos inimigos gratuitos do novo mundo, que elle sabe honrar sua patria, é preciso mostrar que elle não é selvagem e que para o futuro poderá, dar lições de civilização a esse centro onde a decadencia hade imperar. E ahi deixará Pariz de ser a capital do mundo. O Brazil já está apparecendo e é preciso que se eleve bem alto e lá se fixe o "Auri verde perdão, que a briza do Brazil, beija e balança."



O NOSSO FUTURO

A' que será minha

Quantas vezes reclinado em meu leito, nas horas silenciosas da noite. penso

em ti, penso no nosso futuro. esse ideal que a sapiro ha tão longo tempo.

E movido, impellido pelo amor que nos prende, eu faço voar o meu pensamento pelas empiricas regiões da phantasia e vejo um futuro cor de rosa, uma eterna lua de mel, gosada no paraizo que formaremos na terra.

Numa pequena casa, onde tudo só traduza esse poema ideal, sublime—o amor, iremos occultar a todos, a felicidade que dá o verdadeiro e puro amor, que dá a união dos que se amam. Cercada de um jardimzinho onde as flores mais perfumosas irão a habitar, será esse o paraizo, onde serás a rainha. E, as flores heide ensinar teu nome, como fazia Ignez de Castro ás boninas, nos campos do Mondego ensinando-lhes o nome de D. João «que no peito escripto tinha».

E ás nesse recanto onde só se respire felicidade havemos de viver numa eterna primavera, num eterno amor, como si noivos fossemos ainda, no futuro sorridente e cheio de felicidades.

BERIS.



...OLHOS TEUS

A' Leonor

Eu vejo um sol que lindo resplandece,
que não se extingue e que illumina Deus...;
mas eu prefiro o sol que me enlouquece:
—o deslumbrante sol dos o'hos teus!

Quando de tarde o sol desaparece
eu digo-lhe indifferente o meu adeus,
porque me resta o teu, que não fenece
—o deslumbrante sol dos olhos teus!

Se algum dia chegar, querida, a morte
para sempre truncar os annos meus,
eu buscarei mudar a minha sorte:

morrendo ao pé de ti nos altos ceus,
sob a fulgencia voluptuosa e forte
—do deslumbrante sol dos olhos teus!

S. Paulo, 16—3—903

C. MILANO

Orgulho e pobreza

(A' G. C.)

Num baile, quando na
quadrilha dançavam de
vis-a-vis, depois da pri-
meira parte, duas damas
travaram relações, ao que
veio mais tarde, uma in-
tima amizade.

Estas duas damas, eram
pobres, porem uma não
desejava mais do que o
que tinha, a outra orgu-
lhoza, julgava tornar-se
rica, cazando-se com um
moço rico.

Aos domingos ambas
sahiam a passeio, mas
sempre conservando o seu
pensamento.

A orgulhoza, sempre fa-
ceira, a outra com simpli-
cidade e modestia mos-
trava mais amor e ternu-
ra.

Dito e feito!...

Os seus pensamentos
se realisaram.

A orgulhoza cazou-se
com um jovem rico, e a
pobre com um moço po-
bre e trabalhador.

Ao cabo de alguns me-
zes, já não era mais a-
mizade, era uma simples
cortezia de parte á parte.

A rica já não dava mais
importancia á pobre, e
esta não se importava
com isso, e sempre mos-
trava amizade.

Emfim chegou a occa-
sião em que a pobre ti-
nha já accumulado algu-
ma fortuna e veio goza-la,
não sendo pre isto mais
trabalhar.

A rica se julgava mais
elevada do que a outra.

Um dia o marido teve
a ambição de ter mais do

que tinha por meio dojogo.

Começou a jogar; um
dia perdeu tudo o que
tinha no bolso, e que-
rendo recuperar o per-
dido, lá deixou o que
tinha levado, e assim,
até que um dia chegou a
pênhorar as joias da mu-
lher, para ver si ganhava
ou desferrava o perdido,
mais debalde foram os
erforços.

E a pobre com as eco-
nomias que fizera, com-
prou uma casa, mobi-
lhou-a e chegando até
ser milionaria.

Mezes depois a rica ven-
do-se na necessidade de
comprar o que comer, foi
bater á porta de sua a-
miga para que esta lhe
soccorresse dando algum
dinheiro, e esta não lhe
negou!

Eis aqui o resultado
daquellas que procurando
os ricos e desprezando os
pobres vão cabir do mais
alto pedestal do orgulho.

A. BASTOS



RAUL

Ao amigo Armando

Herminia, era uma jo-
vem bella, habitante da
cidade de ***, onde tam-
bem residia um jovem de
18 annos, chamado Raul,
que a adorava loucamen-
te.

Herminia correspondia
a esse amor, e ambos go-
savam das delicias de um
amor correspondido, sem

que siquer, uma só mancha negra viesse turbar aquelle céo azul, que era o ideal de Raul.

Um dia elle pediu-a em casamento. Ella já lhe dera o coração, e elle queria sanctificar essa união, essa união que era sua unica ventura.

Foi acceto.

E, esse amor, cresceu, augmentou e com elle a ventura dos dois. E o céo sempre azul, não era o mesmo, tornou-se ainda mais limpido, com o noivado.

Mas, a sorte, é que designa o casamento, que no céo se talha bem como a mortalha!

Passou-se o primeiro mez. Tudo foi muito bem, não havia nada melhor que o noivado.

Para Raul, esse período podia ser eterno, mas para sua noiva não o era!

Ella já não era a mesma, já o tratava indifferente e fria. E imposições absurdas vieram depois, e constituiram a nuvem negra que appareceu naquelle céo ideal.

Uma noite foram a um baile!

Raul pediu-lhe qualquer cousa, que ella recusou-se a fazer, o que entristeceu o moço que noivo era e podia pedir que ella não fizesse qualquer cousa que a elle não agradava. Ella exaspera-se faz a mãe sabedora.

E, si a filha o fez, a mãe, uma dessas creaturas, cujo coração só abriga a inveja, cujo coração só dis-

tilla fel, que é a personificação da vibora, não olhando o futuro sorridente de dois jovens, desfez perante todo o casamento.

Infeliz Raul! Elle que aspirava sempre possuir Herminia, que pôs sempre o ideal da felicidade, viu cahir num segundo esse ideal, pela infamia de uma desnaturada mulher, que não conheceu nunca o amor.

Raul, sahio. Uns dias passou sem comer.

Ao terceiro dia depois de despedir-se de sua mãe vai a casa de sua ex-noiva e no corredor aos pés della rebenta a cabeça com um tiro de pistolla.

E, Herminia, talvez com remorsos ainda rendeu-lhe homenagens. Mas, ella podia evitar tudo!

Se amasse, ella saberia fazer vingar o seu amor, saberia fugir para fazer feliz quem a adorava, mas, num coração de pedra, que pode germinar?

Nem a ortiga, nem os mais damnhinhos vegetaes podem nascer numa pedra, quanto mais a rosa, o cravo, o jasmin? Si não pode nem a piedade entrar num coração marmoreo, quanto mais esse nobre sentimento — o amor.

Ta' filha não podia deixar de ser digna de tal mãe.

As vezes

«Quem diz a verdade, merece o perdão» diz o velho adagio.

E o que eu digo ás leitoras e aos leitores.

Nem sempre se tem tempo para travar uma amistosa prosa, pelo que agora que tenho, aproveito dirigindo-me ás leitoras, que, me perdoarão os conceitos que emitto...

Hoje, gentis leitoras, esses rapazes que por ahi existem, vivem a namorar, sem pensarem em casar. E, julgo que as culpadas, são as moças pois que ellas hoje só procuram ou casar-se em bachareis, ou freguez de *arame*, sem o que levam a namorar para passa-tempo.

Mas os rapazes é que agora não se devem muito fiar nas moças, pois que, pela experiencia, sei que os pobres diabos levam sempre *bucha*. Imagine-se qual não será o espanto do moço que agora vê uma belleza, e no dia do casamento, logo na mesma noite, passa pelo dissabor de encontrar em vez de *peixeão* que idéara, um amontoado de carmin nos labios, creme nas faces, cabellos cheios de trapos, e o que é mais duro de roer, nos seios, ou algodão, borracha ou trapos e nas cadeiras as mesmas armações dos seios e em algumas (oh! ceus!)... palha!!!

Mas, isto não são todas, são tres quartas par-

ALDI BARAM



Nº 01114
 ARQUIVO

tes das moças, que habitam a nossa capital.

Algumas, ha que são a verdade personificada, não usam disfarces par caçar noivos. Essas são excepções honrosas, pois que, hoje a deusa da Verdade, raros adeptos tem, todos são, perdõem-me dizer: —sectarios da Mentira.

E, ahi está porque hoje os rapazes levam a tomar o tempo de algumas moças para no fim... *roerem-lhe a corda.*

Para o primeiro numero vou tratar de outro assumpto que diz respeito ás moças.

LAMBE-FERA

JA' É...

Lemos na "Patria Nova" do Rio Grande do Sul:

«Verificou praça em um dos corpos desta guarnição um alentado gaúcho, cujo pé tem sido objecto de commentarios dos veteranos.

Na arrecadação do corpo mal jurou bandeira o recruta não foi possível encontrar-se um par de botas que lhe calçasse as plantas. E como estas não podem andar descobertas fez-se encomenda para o arsenal de calçado, com as seguintes dimensões: comprimento, 48; largura, 46; altura, 48; entrada, 60.

Por falta de alicerces não é que hade cair esse novo monumento que se ergue em defeza da Patria».

Livra !!!

CREIO

Eu creio em ti, ó bom Deus!
Tu és imperecível, tu és omnipotente!
E's o Deus justo, o Deus clemente
Que moras no Azul, lá nos céus!

Não creio que sejas o Deus mau, vingativo
Como te representa a Escripura...
E's o Deus que do misero á agrura
Da vida lhes das lenitivo!

No mar, no ver-me ou na flór
Que as verdes campinas matiza,
Deus, és paz, és alegria; és amor!...

Até o leve sussurro da briza
A's vezes diz meigamente:
---Gloria a ti, ó Deus!---Deus clemente!

7-7-03.

ALBERTO NUNO DE SOUSA

Cronica social

Fazem annos no proximo mez de Setembro.

a 6 a gentil senhorita Marietta Roman.

a 7 o Major Brazilio de Oliveira, tio do nosso amigo Benjamin Reis.

a 9 o Capitão Serafim Sergio de Souza, tio do nosso amigo Arthur Bastos.

DIVERSAS

Ante-hontem estava eu parado na esquina da rua da Esperança, quando vi passar por perto de mim uma donzella, que parecia pizer em ovos, talvez com medo de os quebrar.

Eu fiquei mirando a jovem que com passos celerados parecia ir tirar o pae da forca.

E vae se não quando um mariola chega ao pé de mim e diz:

O' moço, dá licença que dê um berro?

Eu respondi: pois não.
Então lá vai' oh ferro...

LÁ PRÃO

Açalate d' A Esperança

Recebemos e agra lecemos, permutando:

A Ordem—Rio Preto (Minas)

A Galhofa—Bananal.

A Casa Branca—Casa Branca.

O Impar ia!—Sertãozinho.

A Folha—Porto Ferreira.

O Bilontra—Capital.

O Amigo do Povo—Capital.

Revista da Associação Typographi a Bahiana—Bahia.

O Combatente—Capital.

O Joçoso—Capital.

Aurora Socia—Recife.

A União—Capital.

Minarete—Pindamonhangaba.

A Opinião—Cascavel.

A Mocidade.

Recebemos um aviso de que sob a redacção de José Cantinho, Julio S. Junior e Florentino Bella, apparecerá brevemente nesta cidade o periodico *A Noiva*.

